



Atacante reaparece para atividade com bola, mas não jogará contra o Haiti, amanhã, na Filadélfia

# Neymar retorna aos treinos

MARCOS PAULO LIMA  
VICTOR PARRINI  
ENVIADOS ESPECIAIS

CBF/Divulgação



**N**ova Jersey — Vinte e três jogadores já haviam pisado no gramado do centro de treinamento do New York Red Bulls na antevéspera da partida contra o Haiti, amanhã, às 21h30, na Filadélfia. Faltavam três. Toda a expectativa estava concentrada em Neymar. A dúvida era se, enfim, o camisa 10 participaria da atividade ao lado dos companheiros. Como de costume, ele roubou a cena. Entrou por último, acompanhado dos escudeiros Marquinhos e Raphinha. “Estavam com saudades?”, brincou ao cruzar a linha lateral diante dos jornalistas.

Era o tom de quem comemorava o retorno após um mês afastado dos gramados. A última partida foi na derrota do Santos por 3 x 0 para o Coritiba, pelo Campeonato Brasileiro, em 17 de maio. De chuteiras nos pés, Neymar caminhou até o círculo central e recebeu aplausos dos companheiros e da comissão técnica antes de atravessar um tradicional corredor polonês, entre tapas e pontapés amistosos. Parecia ter voltado a ser menino.

Mas a cena não significava uma volta iminente. A saudade — para quem sente falta de Neymar — terá de durar um pouco mais. O atacante trabalhou separado do elenco para aprimorar a condição física e recuperar ritmo de jogo. A evolução é visível. Realiza movimentos mais complexos e participa de atividades com bola, mas não será relacionado para o confronto contra o Haiti. Até mesmo a presença na última rodada da fase de grupos, diante da Escócia, em

**Camisa 10 passou por “corredor polonês” para celebrar reencontro com companheiros de Seleção Brasileira: fora de ação desde 17 de maio**

24 de junho, em Miami, permanecerá cercada de cautela. A utilização dependerá tanto da recuperação física quanto do cenário do Brasil na competição.

Antes de se juntar a Marquinhos e Raphinha, Neymar cumpriu um ritual particular. Tocou o gramado do Columbia Park, ergueu as mãos em direção ao céu

e fez uma breve oração. Em seguida, iniciou sorridente a primeira atividade física, técnica e tática sob o comando de Carlo Ancelotti. Foi também a primeira vez que o treinador italiano teve os 26 convocados à disposição desde o início da preparação para a Copa do Mundo.

Depois do aquecimento, o

camisa 10 voltou a trabalhar à parte, acompanhado pelo preparador físico Cristiano Nunes. Desde a apresentação da Seleção Brasileira, Neymar segue uma rotina intensa de recuperação, com até três sessões diárias de fisioterapia ao lado de Rafael Martini, profissional que o acompanha desde os tempos de Santos.

A ausência contra o Haiti pode até facilitar a vida de Ancelotti. Sem a pressão de encaixar Neymar em um time ainda em construção, o treinador ganha liberdade para corrigir os erros apresentados no empate com Marrocos. A tendência é de retorno a uma estrutura mais equilibrada, no sistema 4-4-2 ou 4-2-4, ainda que com ajust-

“A nossa expectativa de que o Neymar esteja 100% são as melhores. Estamos orando para ele estar 100%, porque é um cara que vai nos ajudar bastante. É um ídolo para mim e todos que aqui estão, até os mais jovens que o viu fazer história nos clubes e na Seleção. cremos que ele estará pronto o mais breve possível para nos ajudar nessa caminhada brilhante”

**Douglas Santos,**  
lateral-esquerdo da  
Seleção Brasileira

tes. Em 13 partidas à frente da Seleção, o italiano jamais repetiu uma escalação. Tudo indica que a escrita será mantida.

No treinamento de ontem, Ancelotti ensaiou os jogadores de linha com Danilo, Marquinhos, Léo Pereira e Douglas Santos; Fabinho e Bruno Guimarães; Luiz Henrique, Martinelli, Vinicius Júnior e Igor Thiago. Lucas Paquetá perdeu espaço após atuação apagada na estreia. Gabriel Magalhães e Raphinha seguem em controle de carga física: o zagueiro tenta reduzir o desgaste acumulado após 55 jogos na temporada, enquanto o atacante trata uma bolha no pé.

## Danilo transforma coletiva em sessão de terapia

Em tempos de jogadores mais ariscos diante dos microfones do que dos adversários em campo, Danilo deu uma aula de entrevista, ontem, e justificou por que foi o primeiro dos 26 convocados confirmados por Carlo Ancelotti para a caça ao hexa, antes mesmo da lista oficial. Escolhido para falar na antevéspera da partida contra o Haiti, amanhã, às 21h30, na Filadélfia, o lateral transformou a coletiva de 35 minutos em uma espécie de sessão de terapia. Com a lucidez de quem funciona como extensão do treinador dentro do gramado, expôs virtudes, fragilidades e desafios de uma Seleção que tenta reconstruir identidade após conviver com quatro técnicos em três anos e meio.

Danilo não vende ilusões ao calejado torcedor brasileiro. Não se escora nas cinco estrelas bordadas no escudo nem acredita que o caminho até o hexa será pavimentado por goleadas. Na visão

do defensor, a Seleção ainda está distante do estágio alcançado por potências como Argentina, França e Espanha. O momento exige entendimento das próprias características, adaptação às circunstâncias dos jogos e menos apego a ideias pré-concebidas. Para ele, a tentativa de atuar com linhas altas na estreia contra Marrocos expôs uma equipe ainda sem equilíbrio.

A Seleção completou 21 dias de concentração rumo ao hexa, desde a apresentação na Granja Comary antes da viagem aos Estados Unidos. Trata-se do maior período de convivência de Carlo Ancelotti com o grupo desde que assumiu o projeto da Copa do Mundo, em 2025. Tempo suficiente para iniciar uma espécie de detox tático. Acostumados a diferentes filosofias, sistemas de marcação e modelos de jogo nos clubes, os atletas tentam assimilar uma identidade comum sob o comando do italiano.

“São três semanas de trabalho. Isso faz com que a gente abandone as convicções dos nossos clubes e entre na filosofia que entendermos na Seleção. Cada um trabalha de uma forma no clube, pressiona de um jeito, marca do outro. Quando junta tudo isso, não é muito fácil chegar a um produto final que tenha coerência”, explicou Danilo.

A escalação de Carlo Ancelotti para a estreia contra Marrocos também entrou na pauta. As presenças de Igor Thiago e Ibañez entre os titulares surpreenderam, porque contrariaram boa parte dos ensaios realizados pelo treinador durante as semanas anteriores. As definições foram comunicadas ao grupo poucas horas antes de a bola rolar, mas Danilo tratou de relativizar a repercussão.

“Todo time tem um núcleo duro, de seis a oito jogadores que atuam sempre, e outros que entram na rotação de acordo com

a estratégia. A estratégia muda conforme o adversário. O que aconteceu no último jogo (Marrocos) ganhou uma importância exagerada, o que é natural. Hoje temos um time 80% definido para sexta-feira, mas ainda há três ou quatro posições em aberto, seja por questão tática ou até por uma preferência do treinador. Algumas escolhas simplesmente pertencem ao técnico”, explicou.

Para sustentar o argumento, Danilo recorreu aos tempos de Manchester City. Segundo ele, a forma como cada jogador lida com a informação da escalação varia de acordo com a personalidade. “Se o treinador me disser que vou jogar hoje, amanhã ou uma hora antes da partida, minha preparação será a mesma. Posso falar isso por todos? Não. Alguns precisam saber antes. O Guardiola já me avisou que eu seria zagueiro 10 minutos antes de um jogo começar”, contou. (MPL e VP)



**Para o experiente lateral, Seleção Brasileira carece de equilíbrio**

### Tatiqûes do Correio



O sistema costuma alternar entre 4-4-2 e 4-2-3-1. Contra adversários superiores, o plano é resistir sem a bola e acelerar imediatamente após a recuperação da posse. O time tem algumas características: bloco defensivo compacto, linhas próximas, transições rápidas, jogo vertical, força física dos atacantes e exploração dos corredores laterais.

## HAITI | O fantasma de Lusail reaparece

Estádio Icônico de Lusail, Catar. Dois de dezembro de 2022. O Brasil perde pela primeira vez para uma seleção africana na Copa do Mundo. O que isso tem a ver com o Haiti, adversário do Brasil, amanhã, às 21h30, no Lincoln Financial Field, Filadélfia, pela segunda rodada do Grupo C nos Estados Unidos? Sébastien Migné, o técnico responsável por devolver o país ao torneio depois de 52 anos, era auxiliar de Rigobert Song, o dono da prancheta dos Leões Indomáveis naquela edição. Um dia terrível para a trupe de Tite.

“Tive a sorte de enfrentar o Brasil na última Copa do Mundo com Camarões. As coisas não correram tão mal para nós naquela

partida. Vamos tentar repetir esse feito. Se fosse melhor de 10, não teríamos chance, mas tudo pode acontecer em um jogo único. É isso que todos nós amamos no futebol e na Copa do Mundo”, disse o andarilho francês de 53 anos em dezembro do ano passado no sorteio dos grupos da Copa, em Washington.

O respeito é maior pelo técnico do Brasil. “Ancelotti é um modelo para qualquer treinador. Ele estabelece o padrão”, reverencia. “A nossa torcida terá a oportunidade de nos ver jogar contra o Brasil e acredito que irão se encantar com a experiência. No entanto, eu os conheço. Eu sei que esperam muito de nós, o que traz uma pressão adicional. Caberá a mim

e à minha comissão técnica elaborar uma estratégia para garantir que estejamos à altura do desafio”, admite o profissional.

Migné classificou o Haiti para a Copa sem visitar o país caribenhense durante boa parte do trabalho. A crise política, a violência de gangues e o colapso da segurança impediram viagens regulares ao país. Ele comandava a seleção a distância, monitorando jogadores espalhados por Europa, América do Norte e Caribe.

Quando a vaga foi confirmada, em novembro de 2025, o Haiti encerrou jejum de 52 anos sem participações em Mundiais. A última havia sido em 1974, na Alemanha Ocidental, quando o lendário Manno Sanon marcou os

dois únicos gols do país na história das Copas.

Natural de La Roche-sur-Yon, no oeste da França, Migné teve uma carreira modesta como jogador. Passou por divisões inferiores francesas e por uma breve experiência na Inglaterra antes de migrar cedo para a comissão técnica. O currículo foi praticamente construído no continente africano.

Foi assistente de Claude Le Roy em diversas seleções. Treinou Congo e classificou Quênia para a Copa Africana de Nações em 2019, encerrando 15 anos de abstinência. Liderou Guiné-Equatorial, foi auxiliar de Rigobert Song com Camarões na Copa de 2022 e desbarrou a seleção de Omã em passagem pelo Oriente Médio. (MPL)